

Fevereiro/2015

Entrevista

João Anzanello Carrascoza fala sobre sua obra, calcada na descoberta infantil

Para o escritor e professor, criação literária nasce a partir da observação do cotidiano em suas miudezas: "No comum das horas podemos encontrar o instante raro"

Por Amilton Pinheiro

[Tweet](#)



Professor de Comunicação Social na USP há duas décadas, João Anzanello Carrascoza já publicou quase 30 livros de ficção, entre contos, infantojuvenis e romances. Seu mais recente, o romance *Caderno de um ausente*, pela Cosac Naify, é um exercício de contenção, em que se partilha não o pranto, mas a ausência silenciosa.

Com a supremacia da comunicação instantânea, sua prosa privilegia a contemplação, a sensação dos instantes vividos. Há uma procura pelo inaugural em sua obra, raiz talvez da predileção por personagens crianças.

O olhar de descoberta parece essencial às histórias que Carrascoza conta. Ele não descarta que isso seja releitura dos tempos de moleque em Cravinhos, São Paulo. Ou venha do gosto pela narração desenvolvido ainda menino, quando o pai contava as histórias para ele e seus

irmãos. Os outros dormiam antes do final delas, enquanto ele ficava atento até o fim, para, no outro dia, contar tudo a seus amiguinhos, acrescentando trechos e reinventando outros.

O fato é que seus livros são repletos de contornos e sentidos incomuns, típicos da descoberta infantil de palavras como "a satisfação envelhecia nele" e "um silêncio faminto que pedia o olhar do mundo", dos contos *Aquela Água Toda* (Cosac Naify). Por coerência, o professor também é aprendiz. A parte final de *Espinhas e alfinetes* (Record), por exemplo, foi feito num programa de escritores na Suíça.

Nesta entrevista, o autor mostra as escolhas por trás de suas técnicas e o impacto da experiência de aprendizado em sua obra.

O modo como seu pai o estimulou ainda é uma forma eficaz de os pais cativarem os filhos pela literatura?

Antonio Candido escreveu que a literatura é o sonho desperto da civilização. Meu pai, quando contava histórias, ampliava a nossa experiência diante do sensível. O estímulo artístico, a apresentação para as novas gerações de variadas formas de sentir a vida, a abertura para o alargamento de sua criatividade são fundamentais para consolidar suas escolhas. No meu caso, ouvindo meu pai, escolhi sonhar por meio da narrativa. Contar histórias, tanto quanto ler junto aos filhos e consumir com eles filmes, games, quadrinhos, é uma maneira que os pais têm para lhes abrir as possibilidades de educar seu espírito e de tornar sua existência mais rica. Mas essa não é a única maneira de fomentar gosto e respeito pela literatura: acredito que cada pessoa é um texto em construção, uma história que se desdobra, e as ações dos pais, suas atitudes e comportamentos ante a realidade, podem atrair as crianças para a compreensão do humano, para aprender a ler os outros e aceitá-los, já que sofrem da mesma condição - somos todos histórias que se misturam, se alteram e se acabam.

Pode-se dizer que essa seria sua razão para personagens centrais serem crianças?

De fato, muitos de meus personagens são crianças, ou adultos que rememoram sua infância, ou são pais em interação com filhos pequenos. Nem sempre a perspectiva, o foco narrativo, é a dos meninos que habitam minhas histórias, mas, é verdade, eles estão quase sempre lá, ressignificando vivências, atravessando o cotidiano tão miúdo quanto eles, mas, de repente, capaz de revelar a grandeza, o milagre do existir. Cristovão Tezza, quando fez a apresentação de meu , sugere uma chave interpretativa: as crianças movem-se em meus livros numa zona difusa em que as coisas ainda não estão concluídas, e as pessoas ainda são permeáveis e podem ser transformadas. As personagens crianças, certamente, revelam minha predileção ficcional - ou limitação - e o meu investimento num mundo de substância esperançosa, no qual há sempre a possibilidade de remissão e de comungarmos com nossos semelhantes, também eles em processo de transformação.

Esse gosto pelo inaugural é uma representação literária para a fome de viver?

Fernando Pessoa nos diz, num de seus poemas, que a vida não basta. Portanto, é preciso sonhar outras vidas, viver outras histórias, habitar novos continentes que no âmbito da

escrita são criados pelos escritores. Se eu já podia sonhar por meio de minha leitura de mundo, ao aprender a leitura da palavra vi um universo infinito se formar e se reformar diante de meus olhos. Eu ia - e continuo indo - a bibliotecas, em cujas prateleiras posso escolher sonhos, existências imaginárias, territórios acolhedores para minha subjetividade.

Como constrói as relações entre as palavras?

As palavras me fascinam, e, enquanto escrevo - obediente a uma ordem íntima, vinda da fome de ver algo novo saindo da velha pele da linguagem -, procuro maneiras de dizer que subvertam as formas fixas, tento criar metáforas que tornem o meu dizer menos comum. Porque, como leitor, encanta-me a imagem inesperada, a dança das palavras surpreendendo o intelecto, como dizia Pound. É como se a minha atenção, voltada para capturar no ordinário da vida o extraordinário, se repetisse no nível frasal. É a percepção de instantes poéticos, que detecto na vida, que é estendida para o plano da escrita.

Considera, então, que sua marca é a observação do cotidiano em suas miudezas?

Acredito que sim. Não sou de conceber tramas engenhosas, embora goste de ler histórias que me surpreendam, não tanto pelas volutas narrativas, mas por revelarem, de repente, caminhos inesperados, como o faz o acaso - ou o destino. Sinto que no comum das horas podemos encontrar o instante raro, que vale pelo dia inteiro. As coisas pequenas, quase invisíveis, são capazes de nos aumentar ou de nos estraçalhar. A minha literatura, ao buscar o grão no grande, se prende ao valor do precário, à significância do que é quase nada.

Em que sentido?

Em minha obra está sempre presente a relação do indivíduo com a alteridade - é em criança, na esfera familiar, que descobrimos que somos um e não outro, e o descobrimos exatamente pela convivência com o diverso. Para navegar pelos rios grandes, precisamos antes conhecer o riacho que somos, a paisagem que cortamos, as margens que nos comprimem - aí podemos fluir livremente e buscar em outros horizontes.

Seriam essas as suas obsessões...

As obsessões que percebo em minha escrita, que me são conscientes, se relacionam com a reconstituição de um espaço bucólico, o olhar para as pequenas felicidades, os gestos compassivos, a generosidade e seu reverso (a gratidão), a comunhão possível (ainda que momentânea) entre os homens, o silêncio, o movimento pendular entre o encanto e o desalento, a dor e o deleite. E, sobretudo, a vontade de levar as pessoas a sentirem, por meio da escrita, o mesmo que eu sinto, seja tristeza ou deslumbramento.

Ainda tem medo da folha em branco?

No ato da escrita em si, na atitude de me isolar para urdir uma trama que mal consigo vislumbrar - escrever é expandir esse vislumbre -, por esse aspecto nada mudou. Se antes eu estava me alfabetizando na arte da ficção, hoje o desafio persiste, porque a próxima história, aquela que estou à beira de contar, não é nenhuma das que já escrevi, não é uma inquietação antiga que ressurge, mas uma exigência nova. O viajante pode ser experiente

em viagens, mas a viagem do aqui-e-agora é única, no futuro caminho o que ele sabe pode ter alguma valia, ou nenhuma.

Ser professor ajuda de que maneira sua escrita?

O ofício de ensinar pressupõe a paixão por aprender - e o aprendizado, no meu caso, não se dá só pelo desafio de partilhar com os alunos minha prática com a redação publicitária, mas pela convivência em sala de aula, a mergulhar com eles no mundo do sensível. Também aprendo muito com as pesquisas acadêmicas que sou instado a fazer, sobre a poesia nos discursos corporativos, a narrativa realista nos espaços midiáticos. O contato fecundo com o público jovem e questionador da graduação, maduro e crítico do mestrado e do doutorado, o desafio de encantá-los sem cair no ensino tecnicista ou performático, motivam-me o tempo todo a não perder de vista o humano - e é o humano que guia minha criação literária.

A preocupação gráfica de seus livros se deve a você ser professor de publicidade?

Sempre estive atento ao projeto gráfico, aos detalhes de impressão, à materialidade da história, e, claro, o trabalho na publicidade, no qual o texto é ancorado em imagens, sedimentou o meu prazer de participar da definição do corpo físico que acolhe minhas histórias. Em geral, meu próprio texto já propõe caminhos para essa consolidação, como foi com *Aos 7 e aos 40*, no qual há duas narrativas (uma com diagramação justificada, outra não). O enredo se passa numa pequena cidade cercada de natureza; a infância do personagem (seus verdes anos) e a esperança que brota no final do livro levaram o pessoal da editoria de arte da Cosac a propor a impressão num papel verde. Ampliaram também a ideia, já insinuada na minha diagramação original, de dispor os capítulos em lugares distintos da página - os capítulos dos 7 anos na parte superior, e os capítulos dos 40 na parte inferior. O mesmo sucedeu com o *Caderno de um ausente*: meu texto já trazia espaços vazios entre os blocos da narrativa do protagonista, que se expressava numa alta voltagem sensitiva, e a editoria de arte da Cosac Naify sugeriu a cor branca para ocupar esses vazios, inserindo a "presença" da ausência, que é tema central do romance, assim como propôs que a capa e o papel do volume assumissem a cor da pele.

Como foi virar aluno de um intercâmbio literário?

A concentração e a disciplina cotidianas são essenciais para mim. Passo o ano todo escrevendo umas linhas por dia, solitariamente, durante as manhãs. O que não me impede de, vez por outra, me afastar para dedicar-me com mais intensidade a algum projeto maior. É essa necessidade de dedicação *full time* para a escritura de uma obra que me levou a participar de residências literárias. Estive na Ledig House, uma residência às margens do rio Hudson, a duas horas de Nova York, um local propício para trabalhar - e, também, para conhecer escritores de outras partes do mundo. Lá escrevi os últimos contos de *Amores Mínimos* e revisei *O volume do silêncio*. Estive, anos depois, no Château Lavigny, na Suíça, onde escrevi contos de *Espinhas e alfinetes* e elaborei o projeto de minicontos, *Linha única*, que só retomei este ano para submetê-lo ao programa Rumos Itaú Cultural. Por fim, estive na Sangam House, residência literária na Índia, onde escrevi parte de *Aos 7 e aos 40* e terminei uma novela ainda inédita.

O que ocorre nessas residências literárias?

Nesses lugares, os escritores convivem algumas semanas, e cada um dedica a seu projeto o tempo que quiser, o dia inteiro ou poucas horas, mas, à noite, há o compromisso de jantarem juntos e se reunirem para intercambiar suas experiências. Durante esse tempo são programados encontros com editores, leituras privadas e públicas, visitas de agentes literários e críticos, o que torna a estada mais produtiva. Em todas as residências fiz amigos, a quem sou grato pela solidariedade e atenção para com minha obra. Maria Antonietta Saracino, que conheci na Ledig House, traduziu dois contos meus para o italiano e os publicou no jornal *Il Manifesto*. DW Gibson, que coordena as sessões na Ledig House, possibilitou a publicação de contos meus numa revista literária norte-americana. O português Pedro Almeida, que conheci lá, se tornou um amigo e interlocutor além-mar. Minju Yen, chinesa com quem estive no Château Lavigny, escreveu uma resenha d'*O volume do silêncio* publicada no Shanghai Book Review. Rama Sangye, indiano que conheci na Sangam House, traduziu histórias de *Amores mínimos* para o bengali. Yuvan Chandrasekar, com quem estive na Índia, traduziu contos meus para a língua tâmil. E eu, igualmente, venho procurando abrir espaço, no Brasil, a esses e outros escritores que, não só as residências, mas feiras e demais eventos literários, me permitem conhecer.